1

Considerações iniciais

Propomos neste trabalho realizar uma investigação da gênese do conceito de trabalho imaterial. Nossa meta é apresentar a construção teórica do conceito de trabalho imaterial como chave para compreensão das mutações do trabalho que ocorreram no modo de produção capitalista a partir da década de 1990. Pretendemos apresentar este conceito a partir da literatura pós-operaísta, em especial através do pensamento de Antonio Negri.

Iniciaremos com a análise da crise do capitalismo, incontestemente a partir do colapso da Bolsa de Valores de Nova Iorque no ano de 1929, que inaugurou o ciclo da Grande Depressão. Propomos observar a crise tendo como contexto a específica condição dos Estados Unidos na década de 1930, que buscavam meios para retirar a economia da estagnação em que se encontrava. O *New Deal* enquanto projeto norte-americano para superação da crise, como veremos, apresentou-se como alternativa que após a Segunda Guerra Mundial se propagou entre os países de capitalismo dominante.

Ainda nessa primeira parte, buscaremos apresentar alguns aspectos da profunda reestruturação por que passou o capitalismo como caminho para superar a crise. Apresentaremos os dois principais dispositivos, Fordismo e Keynesianismo, a partir dos quais o capital pode promover a disciplinarização da força de trabalho e o governo da produção para assegurar os ganhos de produtividade e gerir a dinâmica das lutas operárias no interior do capital.

No segundo momento, trataremos do Operaísmo, movimento surgido na Itália em meio às lutas operárias das décadas de 1960 e 1970. Nosso cenário será a Itália dos anos 1960 e 1970. Apresentaremos um breve quadro histórico da conjuntura política e econômica italiana, narrando os confrontos mais marcantes desta época.

As lutas operárias desse período, presentes em diversos graus em muitos Estados capitalistas, significaram um novo momento de contestação da relação capital/trabalho e dos mecanismos de acumulação e exploração. No contexto italiano, o Operaísmo reuniu inúmeros jovens pensadores em torno da proposta de

uma releitura da obra marxiana, que não se limitou a uma construção teórica, mas, sobretudo, procurou criar instrumentos de crítica e de ação políticas.

Buscaremos narrar de forma sucinta a surgimento do Operaísmo nos anos 1960, passando à experiência da Autonomia Operaria na década de 1970. Apresentaremos o período de formação do Operaísmo nos anos 1960, do surgimento da revista *Quaderni Rossi* até o fim da revista *Classe Operaia* e, em seguida, o período de existência do grupo político *Potere Operaio*, no final da década de 1960 e início da década seguinte. Nesta linha permaneceremos para apresentar a fluida organização da *Autonomia Operaia*.

Concluindo esta segunda parte, passaremos a expor algumas das teses centrais do Operaísmo. Em primeiro lugar o tema da centralidade das lutas operárias, que confere ao movimento operário a primazia no interior da dinâmica do capital. Tema que se desdobra do primeiro é a indistinção que se estabelece entre luta econômica e luta política. Apresentaremos, ainda, a recusa ao trabalho e a constituição subjetiva da classe operária na figura do “operário-massa” e a reconfiguração dessa subjetividade como “operário-social”. Encerraremos essa análise com a referência à estratégia da tensão e a derrota do movimento operário que fechou o ciclo de lutas na Itália.

Por fim, passaremos a tratar do conceito de trabalho imaterial, reconhecendo-o como um conceito ainda em construção. Discutiremos as transformações para as quais o capital foi empurrado devido às lutas operárias das décadas de 1960 e 1970. Destacaremos as críticas ao Fordismo e Keynesianismo que resultaram na construção de novas técnicas e novas formas de organização da produção e ordenação da vida.

Nesta última parte, analisaremos de que forma o trabalho tomou todas as dimensões da vida. Exploraremos os aspectos que cercam os debates a respeito da crise da medida de valor, uma vez que se considere que o processo de valorização atravessa a subjetividade do trabalhador.

Será a oportunidade de apresentar as configurações do trabalho imaterial – trabalho cognitivo e trabalho afetivo. Trataremos de expor a dimensão biopolítica e o aspecto subjetivo do conceito de trabalho imaterial.

Embora saibamos que o pós-operaísmo não se reduz ao pensamento de Antonio Negri, havendo significativas divergências conceituais entre pensadores

que podem ser reunidos em torno dessa matriz, nos concentraremos nas propostas de Negri.

Essa escolha não é aleatória. O pensamento de Negri é singular em razão da positividade de sua crítica. Para dizer o que representa o pensamento crítico de Negri podemos dizer o que ele não é: não é uma acusação ao desencanto ou inautenticidade provocada pelo capitalismo, não é uma condenação ao capitalismo como fonte de opressão, que simplesmente opõe oprimidos e opressores, igualmente não é a acusação do capitalismo como fonte de miséria e desigualdade, de oportunismos ou egoísmo. Não se trata de uma crítica moral.

Rememorando a experiência da derrota do movimento operário em fins dos anos de 1970 e a prisão de diversos de seus membros e dele próprio, Negri refere-se ao fascínio que o pensamento negativo exerceu àquela época:

O pensamento negativo é uma coisa séria; nós discutíamos entre Nietzsche e Benjamin, de Taubes a Agamben, a percepção de que tínhamos chegado a um limite extremo da experiência do ser. Todavia muitas vezes essas discussões apequenavam o pensamento da crise: o pensamento negativo transformava-se em comovida mas impotente piedade (e justificava) diante da derrota, representava uma fugidia “ontologia do declínio”. Era preciso ter, ao contrário, uma grande força para reconhecer (e cada reconhecimento, naquele momento em que estávamos na prisão, era como um ato de força imposto ao futuro) que a crise não somente era real, mas constituía um novo campo de luta e de construção do ser.¹

Em sua crítica, Negri afirma a “potência dos muitos”. Afirma a *Multidão* que se constitui através do “tornar-se comum do trabalho” e do desejo de democracia.

Assim, retroagindo na reconstituição histórica, desde a Crise de 1929 até a atualidade, e tendo como âncora o pensamento de Antonio Negri, pretendemos demonstrar como o movimento das lutas operárias encontra-se cravado no coração do capital, como uma dinâmica própria, de tal forma que a pujança do capital é em verdade a riqueza e a força do trabalho. É este *assalto* ao capital pela classe operária, por esta *Multidão* que constitui o comum através do trabalho, que obriga a reconhecer o trabalho como o centro da produção e da vida.

Ao fim de nosso percurso, esperamos ser possível validar a hipótese do trabalho imaterial, apresentando esta construção teórica como eficiente para explicar as transformações do trabalho.

¹ NEGRI, A. *Jó: a força do escravo*. Trad. Eliana Aguiar. Rev. Giuseppe Cocco. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 15.